

Subjetivação e concepção histórica em *Guerra e Paz*

Mario Newman de Queiroz¹

Resumo: Este artigo busca refletir sobre *Guerra e paz*, a partir das discussões ali propostas sobre a História e as crenças, que para Tolstói, essa disciplina alimenta. Dentre essas crenças, de modo central, está a da “forma falsa do herói europeu” a colocar de forma epigramática o culto ao individualismo dos modos capitalistas de subjetivação por individualização. Na esteira de uma série de historiadores nominalmente citados e criticados, Tolstói, principalmente nos dois epílogos reflexivos, combate de modo sistemático, mas não nomeado, o pensamento da filosofia da história de Hegel. Na narrativa, todas as formas de compreensão racional de grandes movimentos humanos ao longo do tempo surgem como uma espécie de mania em buscar causas, de compreender e explicar racionalmente situações que estão para muito além da capacidade humana. Mas essa “mania” elevada a uma condição de base epistemológica esteia o modo de subjetivação por individualização. É essa engrenagem que Tolstói, parece-nos, percebe e condena.

Palavras chaves: Tolstói; Guerra e paz; Literatura e subjetividade; Literatura e História; Subjetivação e Concepções de História.

¹ Professor Associado na UFRRJ, Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. E.mail: mcncsofo-
cles@gmail.com

Не будучи современником событий, Толстой любил эпоху Отечественной войны 1812 года с самого детства.

Vera Bokova, p.9

Introdução

“Nunca na história da cultura europeia Clio gozou de tanta importância, para não dizer hegemonia, como em meados do século XIX” (SCHORSKE, 2000. p.14) sentencia Carl E. Schorske em *Pensando com a história* para compreender grande parte das construções culturais do período tão marcante ainda hoje. Como a história pôde centralizar o pensamento de diversas disciplinas e propiciar o nascimento de outras tantas? Quais vínculos constitutivos do homem moderno ela punha? São questões que as postulações críticas de Tolstói em *Guerra e Paz* fazem ver já por uma construção em sentido oposto. Os grandes movimentos sociais produzidos pelas guerras napoleônicas são momentos privilegiados para pensar imbricados o devir histórico e a atuação dos homens. “De todas as combinações em que as pessoas se unem a fim de concretizar as ações coletivas, uma das mais incisivas e definidas é o exército” (TOLSTÓI, 2017, p.1418). Dessa longa reflexão-romance saem dissecados o individualismo e o racionalismo histórico, em prol de outras formas de subjetivação e entendimento da história.

Conforme Elena Vássina, há nos últimos anos uma redescoberta de Tolstói por parte de público e escritores na própria Rússia. Interessante observarmos como relata a estudiosa russo-brasileira é que grande parte dessa redescoberta tem se dado por aspectos biográficos do autor ao

fim da vida, quando já consagrado e propugnador de concepções religiosas, sociais e políticas revolucionárias.

Nunca antes foram feitas tantas publicações, pesquisas e traduções do imenso *corpus* documental dos materiais autobiográficos de Lev Tolstói, além dos diários de seus familiares, amigos e seguidores, de sua imensa correspondência e, em especial, das obras ensaísticas de um Tolstói tardio. (VÁSSINA, 2017, p.147)

Esse Tolstói tardio que chama atenção dos nossos contemporâneos, arriscamos dizer, se recobre de interesse exatamente pelo aspecto de pensamento contra-hegemônico nos modos individualistas de construção da subjetividade capitalista moderna.

Fátima Bianchi observa como essa preocupação com a chegada dos modos modernos, ocidentais de subjetivação se configuravam (antes que com Tolstói) nos escritos de Dostoiévski. A estudiosa de literatura russa abre uma apresentação do autor com a questão da subjetivação individualizante como um problema aos olhos dele, conforme escrevera no artigo “Algo sobre a Europa”.

Para Dostoiévski, seu país passava por um processo de “desagregação e individualização” que não podia ser tomado como um fenômeno isolado, já que na Europa ele era ainda mais perceptível. No entanto, diferentemente da Rússia, onde ele se manifestava ainda em germe, na Europa esse estado de coisas, promovido pelas novas relações sociais introduzidas pelo capitalismo, era muito mais grave. (BIANCHI, 2017, p.7)

Segundo Fátima Bianchi, Dostoiévski não via esse fenômeno de “desagregação e individualização” da sociedade como inexorável. Na Rússia – quase paradoxalmente dentro da visão de Dostoiévski, se não víssemos o poder dialético e multidimensional de suas análises humanas –, as dimensões gigantescas do território russo e a firme unificação do povo em torno da igreja ortodoxa e da figura do Tzar permitia ainda “esperança de que o feixe se reorganizasse”. No entanto, na Europa, “jamais esse feixe poderia se reconstituir, pois lá tudo se individualizou, não à nossa maneira, mas lenta e irreversivelmente” (DOSTOIÉVSKI apud BIANCHI, 2017, p.7). E a estudiosa encerra com uma observação muito interessante para pensarmos sobre uma diferença própria de Tolstói. Ela diz assim: “E ainda que em suas intervenções jornalísticas ele apostasse com grande otimismo na capacidade da Rússia de reverter esse processo, em suas obras literárias ele se absteve de apontar qualquer saída ou solução nessa direção” (BIANCHI, 2017, p.7-8). Diferentemente, Tolstói, nos parece, dedicou muito de sua energia em apontar caminhos que fugissem tanto do modelo de subjetivação pré-existente na Rússia, de matiz ainda servil-senhorial, quanto do individualismo triunfante na Europeu.

O modo como essa reflexão sobre o texto de Tolstói nos surge advém primeiro da enorme fascinação por *Guerra e Paz*, da leitura lúdica sempre presente deste livro em nossa vida. E é motivada pela necessidade de entender dentro do mundo do individualismo em que nos encontramos outras formas de subjetivação existentes e possíveis. É, portanto, tendo por foco essa questão de uma forma anti-hegemônica de subjetivação, anti-individualismo que as comparações já bastante conhecidas para os especialistas entre Tolstói e Hegel, Tolstói e Clausewitz serão aqui apresentadas.

Consciente também que se não o fossem retomadas o que aqui se pretende apresentar não se embasaria suficientemente e também, como disse certa vez o prêmio Nobel em física Enrico Fermi, “nunca se deve subestimar o prazer de escutar ou ler algo que se conhece” (apud BORJA, 2016, p.15). A autenticidade que este trabalho busca trazer está portanto na questão da subjetivação não individualizante que Tolstói buscava ao seu modo.

É preciso agradecer aos amigos Pavel e Cláudia Grass pela edição primorosa, trazida de Tula, de *Воина и мир* com que nos presentearam.

1. Tolstói: a história sobre o tempo e sob a eternidade

Ao longo da enorme narrativa de *Guerra e Paz*, são várias as observações de Tolstói sobre o estudo da história e os historiadores. Ou seria melhor dizer contra a história e os historiadores do seu tempo. Podemos pinçar daqui e dali trechos que melhor configuram esse projeto de oposição romanesca. O amplo cenário social e de acontecimentos históricos posto pela narrativa efetua a construção de uma visão transversal que permite vislumbrar os acontecimentos históricos em seus macrodesdobramentos e descer ao detalhe da vida das personagens implicadas nessas ações. A vantagem da ficção sobre a história ao poder simultaneamente situar-se, como o historiador, em sobrevoo no plano macro dos acontecimentos e, como não cabe ao historiador, com narrador onisciente, revelar os pensamentos, aflições, sentimentos, motivações e ignorância das personagens sobre seu destino, é explorada por Tolstói para refutar a possibilidade de se conhecer racionalmente o sentido da história. Era, portanto, contra todo

racionalismo histórico e também contra as nascentes ciências sociais² que ele se movia.

Um primeiro ponto de ataque aos historiadores ou de detecção da impossibilidade de uma verdade histórica está na diversidade de opiniões contraditórias. A facilidade com que nos deparamos com “muitas verdades” sobre os acontecimentos históricos sem vislumbre de se atingir algum consenso.

Thiers, o historiador de Napoleão, a exemplo de outros historiadores de Napoleão, na tentativa de justificar o seu herói, diz que Napoleão foi atraído contra a sua vontade para os muros de Moscou. Ele tem razão, como têm razão todos os historiadores que procuram a explicação para os acontecimentos históricos na vontade de uma pessoa; ele tem razão, assim como os historiadores russos que afirmam que Napoleão foi atraído para Moscou pela habilidade dos chefes militares russos. (2017, p.861-862)

Esse ponto será várias vezes batido ao longo da narrativa, e a franqueza do ataque, ao que Tolstói aponta como presunção dos historiadores, uma constante.

Um segundo ponto, está na causalidade. Tolstói encontra justificativa na história numa tendência natural do espírito humano de em tudo querer encontrar uma causa. Conforme nos diz o narrador na abertura da XIIIª parte, “Para a razão humana, o conjunto das causas dos fenômenos é inalcançável. Mas a exigência de encontrar as causas foi incutida na alma do homem” (2017, 1177). Para Tolstói, como contemporaneamente a ele para Schopenhauer, encontrar uma causa, ou um conjunto de causas que nos possibilite traçar

um fio lógico a partir do qual a trama da história se desvele em sua constituição verdadeira é impossível. Porque o número de elementos a serem considerados, as peças inseridas nas contingências são inumeráveis e impossíveis de serem todas elas conhecidas. Apenas por um gesto arbitrário, por voluntarismo se pode determinar o que é importante de ser considerado.

Um exemplo surge nas reflexões de Kutúzov quando critica a presunção dos oficiais mais novos que conjecturam como se darão os acontecimentos durante as batalhas. A crítica é reforçada por ele mesmo, Kutúzov, por conseguir normalmente imaginar mais contingências que os próprios oficiais a quem critica.

Deitado em sua cama nas noites insones, fazia o mesmo que os generais jovens, aquilo mesmo porque Kutúzov os repreendia. Kutúzov ficava imaginando todas as circunstâncias possíveis em que se tornaria patente a já certa, a já consumada derrocada de Napoleão. Ficava imaginando possibilidades, assim como os jovens, apenas com a diferença de que não usava tais hipóteses para fundamentar coisa alguma e de que não vislumbrava duas ou três, mas milhares. (TOLSTÓI, 2017, p.1222)

Um terceiro ponto, consequente também do segundo, está na impossibilidade de se traçar “leis”, como nas ciências físicas, de funcionamento da história. A derrocada de Napoleão nas planícies geladas da Rússia sem ter sofrido nenhuma derrota militar é a prova mais grandiloquente dessa impossibilidade, aos olhos do narrador. “Depois da vitória dos franceses em Borodino, não só não ocorreu nenhuma batalha geral, como também não ocorreu nenhuma batalha importante, e assim

² É proveitoso lembrar aqui a análise de Wolf Lepenies sobre a disputa entre a literatura e as nascentes ciências sociais, a partir de meados do século XIX,

sobre quem detém o direito de dizer a respeito da sociedade. LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo Edusp, 1996.

mesmo o exército francês deixou de existir. O que isso significa?” (TOLSTÓI, 2017, p.1.230)

Por trás das três críticas frequentes aos historiadores, é o que podemos ler com mais ênfase nos dois epílogos reflexivos de *Guerra e Paz*, está a crítica àquela que Louis Dumont situa como a mais forte ideologia moderna, “o individualismo é o valor fundamental das sociedades modernas” (DUMONT, 2000. p.29). Presente, sobretudo, para Tolstói, na figura do gênio e na suposta capacidade da razão humana de dar conta dos movimentos da história, quer seja como agente na história, quer como historiador.

2. Tolstói e o gênio (Tolstói e Clausewitz)

Em *Guerra e Paz* (1865-69), Tolstói busca refutar toda concepção individualista dos feitos humanos quer sejam derivados da razão, da coragem ou, desse algo inefável que é o gênio. É sempre em nome de um algo acima da compreensão humana que ele justifica o movimento da história, dos povos e mesmo dos indivíduos. Para tais fins a guerra se mostra o momento por excelência e os “gênios” militares, no comando de multidões organizadas, a decidirem o destino das nações, os agentes privilegiados para análise.

Na narrativa sobre a campanha de 1807, são feitos comentários sobre os preparativos do campo entrincheirado, “construído por Pfuhl e considerado, até então, uma *chef-d’oeuvre* da tática que havia de aniquilar Napoleão” (TOLSTÓI, 2017, p.778-779) feito para o exército russo e sobre o seu autor o general alemão Pfuhl. “Pfuhl era criatura de uma só peça e de uma teimosia tal que seria capaz de afrontar o martírio em

defesa de suas idéias”. É de se notar como Tolstói vai construindo a figura de maneira notável com qualidades que bem podem ser tomadas de forma positiva: “inteireza”, “obstinação”, “coragem” e “convicção”. Reforçado ainda com o aspecto de espécie, logo a seguir, “como só os alemães sabem ser, justamente porque só os alemães conseguem ser tão confiantes nos fundamentos de uma ideia abstrata – a ciência, ou seja, o suposto conhecimento de uma verdade absoluta. (TOLSTÓI, 2017, p. 780). A figura poderia ser de todo louvável, não estivesse inserida no contexto em que está.

Pouco antes o narrador apresentara as observações do Príncipe Andrei Bolkonski sobre a inspeção que fizera ao campo fortificado de Pfuhl, levantando dúvidas sobre o valor defensivo daquela obra que poderia vir a ser a perda do exército russo. Como de fato se dará páginas depois. Igualmente, pouco antes, esse general alemão fora comparado a outros nomes de generais alemães que no próprio romance estão ligados a atitudes que levaram seus exércitos a fracassos vergonhosos.

A possibilidade de um olhar positivo sobre Pfuhl, que seria o grande mentor de um fracasso, aparecerá no olhar de André sobre os membros do conselho de guerra.

Entre todas aquelas pessoas, a que mais despertava simpatia no príncipe Andrei era o azedo, resoluto e absurdamente autoconfiante Pfuhl. Entre todos ali presentes, só ele parecia não desejar nada para si nem ter animosidade contra ninguém, e só almejava uma coisa: pôr em prática um plano, constituído segundo uma teoria deduzida por ele, em anos de trabalho. Ele era ridículo, era desagradável com sua ironia, mas ao mesmo tempo inspirava um involuntário respeito pela sua ilimitada

devoção a uma ideia. (TOLSTÓI, 2017, p.784)

Mas o olhar simpático não é um olhar de aprovação. É nos pensamentos do Príncipe Andrei que Tolstói apresenta as críticas à arrogância do saber teórico e científico e do individualismo representado na figura do gênio militar. Individualismo e cientificismo, aplicado às ações humanas, imbricados e criticados.

A ideia, que havia muito lhe vinha à mente com frequência, desde os tempos de sua participação na guerra, a ideia de que não há nem pode haver nenhuma ciência da guerra e que por isso não pode existir nada que se possa chamar de gênio militar, recebia agora para ele, uma prova cabal da sua veracidade. (...) Como pode existir uma ciência em uma matéria como essa, em que, a exemplo de todos os assuntos práticos, nada pode ser determinado e tudo depende de condições inumeráveis, cujo sentido é determinado apenas num minuto, que ninguém sabe quando vai chegar? (TOLSTÓI, 2017, p. 785.)

A indagação do personagem Andrei Bolkonski, ao tempo de Tolstói, é uma clara oposição ao famoso tratado de Clausewitz, *Da guerra*, escrito entre 1819 e 1830, publicado 30 anos antes do romance. Essa oposição fica mais clara ainda quando lemos no capítulo XXV, da parte X, uma longa reflexão do príncipe Andrei sobre a guerra, nela pontos encarecidos na obra de Clausewitz são desmerecidos. “O êxito nunca dependeu e não poderá depender nem da posição, nem dos armamentos, nem mesmo da quantidade de tropas; mas menos que tudo, da posição” (TOLSTÓI, 2017, p.934). Mas num ponto também caro a Clausewitz se detém Andrei e faz dele o decisivo, o moral das tropas, “no sentimento íntimo de cada soldado”. Por isso, ele mesmo, Andrei, abraça mão de estar no

estado-maior para estar junto às tropas, comandando diretamente um regimento e não planejando de longe, atitude teórica e racionalista. Essa reflexão, que se desenvolve numa conversa com Pierre Bezukov, será cortada pela passagem de Clausewitz conversando em alemão com Woltzogen, e quando retomada a posição anti-Clausewitz de Tolstói, manifesta através de Andrei, se acirrará ainda mais: a guerra não pode ser pensada como algo racional, dotada de qualquer magnanimidade. Se, em conformidade, com a máxima de Clausewitz, a guerra é a continuação da política por outros meios, ou algo que deve ser pensado como mais próximo da política e do comércio que da ciência ou da arte. No discurso de Andrei, a guerra é um horror sem razão nem equivalente, somente a sentença tautológica pode defini-la, “guerra é guerra” (e sua finalidade não é política, mas muito outra.

A guerra não é uma amabilidade, e sim a coisa mais cruel da vida, e é preciso entender isso e não brincar de guerra. É preciso levar a sério e com rigor essa terrível necessidade. Tudo se resume a isto: pôr de lado a mentira, a guerra é a guerra, não é uma brincadeira. (...) O objetivo da guerra é o assassinato, os instrumentos da guerra são a espionagem, a traição e o seu encorajamento, o extermínio dos habitantes, a pilhagem dos seus bens ou o roubo para o abastecimento do exército, a fraude e a mentira, chamadas de astúcias militares (2017, p.937).

No entanto, seria uma coincidência de tradução essa condenação da guerra ser vista ainda como uma necessidade, “terrível necessidade” (“страшную необходимость”)? Vemos que é talvez a melhor tradução. Então seria uma colocação pouco pensada do autor? Sob a ótica que será construída por Tolstói, parece-nos que não. Voltaremos a este ponto da

necessidade mais adiante, agora é importante anotar a forma como Clausewitz se deparará com seu objeto a “guerra”. Com a especificidade dos alemães aludida acima, para classificar Pfful, Clausewitz, diante do caráter imponderável dos rumos das ações envolvendo inúmeros homens sob inúmeras circunstâncias, opunha o método como remédio.

O metodismo não só é indispensável como também temos de lhe reconhecer uma vantagem positiva; pela prática constante das suas formas que se reproduzem incessantemente, adquire-se uma habilidade, uma precisão, uma segurança na condução das tropas que diminui a fricção natural e facilita o andamento da máquina. (CLAUSEWITZ, 1996, p.133)

E essa ação pelo método em Clausewitz não se sobreporá ao individualismo, como se pode supor. Ela é fundada nele, sobre a sua concepção de gênio que atribui a Frederico e Napoleão. Daí poder dizer de um “metodismo subjetivo”, chamando atenção para o perigo da imitação indiscriminada de métodos produzir fracassos. Havendo, portanto, uma necessidade de produções de metodismos próprios.

Por maior que seja a perfeição com que um grande chefe executa as coisas, haverá sempre um lado subjetivo na maneira como o faz, e, se tem a sua feição própria de agir, esta encerra grande parte da sua individualidade, que nem sempre convém à individualidade daquele que imita esta feição de agir. (CLAUSEWITZ, 1996, p. 135)

Vê-se claramente como o papel do indivíduo, da marca da individualidade do grande chefe está remarcado no texto, até mesmo pelo caráter decisivo do uso do método em conformidade com o estilo do

comandante-chefe. Em sequência, a observação de Clausewitz se assemelha a uma observação sobre estilos e procedimentos artísticos que bem poderia ter sido colhida numa nota sobre literatura.

O inconveniente consiste em que semelhante feição, surgida de um caso particular, facilmente sobrevive a si própria, porque ela permanece, enquanto as circunstâncias mudam imperceptivelmente. Isso é que uma teoria deveria saber impedir graças a uma crítica lúcida e radical. (CLAUSEWITZ, 1996, p.135)

Seria, enfim, o próprio remédio subsumido às características do “gênio militar” dos comandantes. Conforme enunciara em capítulo anterior, inteiramente dedicado à análise e definição do “Gênio guerreiro”, após um exame especulativo das qualidades necessárias a este indivíduo, em que são arroladas características de sofisticação cultural, de temperamentos, de inteligência e de imaginação, Clausewitz afirma a necessária superioridade moral e intelectual do comandante-chefe dos exércitos que realizam proezas.

Isso explica por que a atividade bélica, que se traduz por atos tão simples, tão pouco complexos, não poderá ser exercida com certa perfeição por pessoas que não disponham de capacidades intelectuais eminentes. (CLAUSEWITZ, 1996, p.68)

Ao que mais adiante completa com a atribuição de genialidade apenas ali, onde as altas qualidades morais intelectuais são postas a prova em alto grau.

Do mais baixo ao mais elevado grau, as proezas militares de primeira ordem exigem o contributo de um gênio particular. No entanto, a história e a posteridade geralmente só qualificam de

verdadeiro gênio o espírito que brilhou na primeira linha, isto é, como comandante-chefe. É preciso procurar a razão para tal no fato de as qualidades morais e intelectuais necessárias serem nesse posto, evidentemente, muito maiores. (CLAUSEWITZ, 1996, p.70)

A posição de Tolstói já era a essa altura francamente contrária a essa certeza na razão, nos poderes do indivíduo para interpretar e compreender os movimentos sociais e alcançar a verdade dos caminhos trilhados pela humanidade. Voltando às reflexões de Andrei encontramos a demolição da figura do gênio militar. Ele está diante do conselho e ouve os ilustres chefes debaterem exaltados, defenderem planos uns contra os outros.

Como pode existir uma ciência em uma matéria como essa, em que, a exemplo de todos os assuntos práticos, nada pode ser determinado e tudo depende de condições inumeráveis, cujo sentido é determinado apenas num minuto, que ninguém sabe quando vai chegar? (...) Toll propõe um plano, Armfeldt propõe outro; e todos são bons, e todos são ruins, e as vantagens de cada posição só podem se tornar evidentes no momento em que o fato ocorre. Então, por que todos dizem: o gênio da guerra? Por acaso será gênio um homem que manda fornecer biscoitos na hora devida e manda este para a direita e aquele para a esquerda? (...) Ao contrário, os melhores generais que conheci são gente tola ou distraída. Bagra-tion é melhor – o próprio Napoleão reconheceu isso. E o próprio Bonaparte! (2017, 785-786)

A destruição das grandes imagens dos generais é desconcertante. Napoleão Bonaparte é para todo o século XIX, mística que perdurará bastante ainda hoje, o paradigma do grande comandante, *self made man* da revolução que se torna imperador

da França e conquistador da Europa. Ele é o modelo supremo do gênio militar moderno. Na narrativa de Tolstói, uma das trágicas ironias das guerras entre russos e franceses está justamente na admiração que aqueles nutriam por tudo que era francês. “Os nossos deuses são os franceses, o nosso reino do céu é Paris” (2017, p.644). Essa ironia trágica se encarna no personagem de Pedro, conde Bezukov, que venerava o herói Napoleão, mas depois será preso por tentar matar o imperador invasor francês.

As reflexões de Andrei, no entanto, não poupam Bonaparte.

Lembro o seu rosto convencido e limitado, no campo de Austerlitz. O bom comandante não só não precisa das qualidades de um gênio, nem de nenhuma qualidade especial, como, ao contrário, precisa da ausência das melhores e mais elevadas qualidades humanas – o amor, a poesia, a ternura, a dúvida filosófica e questionadora. Ele deve ser limitado, firmemente convicto de que aquilo que está fazendo é muito importante (senão ele não vai ter paciência suficiente), e só assim será um comandante de valor. (2017, p.786)

E caracterizam o gênio pela posição de poder que os generais vitoriosos ocupam. Pois, verdadeiramente, para Andrei, um homem que tenha as melhores qualidades humanas não terá a persistência para ser um valoroso comandante.

Em outros momentos do romance, será de forma mais direta que Tolstói se posicionará contra o individualismo do gênio e a lógica dos historiadores, é a própria voz do narrador que se manifestará. É o que ocorre na análise sobre as vésperas da tomada de Moscou por Napoleão. O narrador comenta sobre o que os historiadores apresentam como sendo as decisões geniais tomadas por Bonaparte antes da batalha de

Borodino. Apresenta, então, aquilo que conforme os historiadores foram as ordens diretrizes de batalha, ditadas na noite anterior. Para logo em seguida afirmar, sobre este dispositivo fundado em quatro pontos, sustentando-se com uma longa exposição de fatos e motivos, que “Tudo isso, a exemplo de outros pontos da ordem de batalha, não foi e não podia ser cumprido” (2017, p.946).

À noção do gênio Tolstói oporá a figura do velho e bonachão Kutúzov, preferida pelo povo, contra vontade do Tzar, para liderá-lo não para a conquista, mas para a salvação da morte e do sofrimento. “Essa figura simples, humilde e por isso verdadeiramente grande não podia se adaptar à forma mentirosa do herói europeu, que supostamente comanda as pessoas e que a história inventou” (TOLSTÓI, 2017, p.1.294).

3 Os heróis da história de Hegel

No ensaio “O porco-espinho e a raposa”, Isaiah Berlin comenta sobre duas coisas que nos são diretamente aqui muito pertinentes, a primeira é sobre a obsessão de Tolstói pela história e a verdade histórica desde cedo, tanto antes quanto durante o período em que escreveu *Guerra e paz* (BERLIN, 2017, p.1472). A segunda é sobre um “amor incurável pelo concreto, pelo empírico, pelo verificável e uma desconfiança instintiva pelo abstrato, pelo impalpável, pelo sobrenatural (...) hostil ao romantismo, a formulações abstratas e à metafísica” (p.1473). Isso explica a opinião que teria sobre os textos de Hegel, apresentada em uma carta, como uma “algaravia ininteligível, entremeada de lugares comuns” (p.1474).

Não podemos desconsiderar toda a teorização romântica que funda a noção de gênio como uma potência que ultrapassa o eu e o individualismo. Não podemos nos esquecer que a filosofia da história de Hegel é uma filosofia para a qual o indivíduo é uma abstração e que o real concreto e verdadeiramente orgânico é uma unidade maior que é o povo. Mas ao nos depararmos com a figura histórica de Napoleão inevitável comparar a posição que Hegel atribui aos grandes personagens e as considerações de Tolstói que vimos acompanhando.

Antes talvez seja importante ressaltarmos que Tolstói classifica os historiadores que critica em pelo menos três grandes grupos. Primeiro, os autores das biografias individuais; segundo, os autores da História Universal; terceiro, os autores da história das civilizações. Embora prefira tratar sempre de modo geral, pelo menos alguns historiadores são citados nominalmente pelo narrador ao longo de *Guerra e Paz*, Thiers (Louis Adolphe), Lanfrey (Pierre), Mikhailovski-Danilevski (Aleksandr), Glinka (Sergey Nikolayevich), Gervinus (Georg Gottfried), Schlosser (Friedrich Christoph), todos tiveram grande proeminência pelo menos à época, além de Buckle (Henry Thomas), historiador positivista que teve grande influência também no Brasil, referência constante em Sílvio Romero, Araripe Júnior, Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Machado de Assis, enfim, nome sempre referido em nossas letras de meados do século XIX ao início do XX. Todos esses historiadores são depreciados na narrativa de Tolstói. Mas não há nenhuma referência nominal a Hegel, embora isso não signifique que não o possamos encontrar também criticado.

A questão com Hegel talvez fosse efetivamente mais delicada, ele não caberia facilmente nessa crítica de ateísmo que

Tolstói brande contra a maioria. Afinal, para Hegel, como para Tolstói neste tocante, a história universal nada mais faz do que cumprir o plano da providência. O supremo bem, a razão divina não é apenas uma ideia geral, mas também uma eficácia, um poder de realizar-se. Daí ser a história universal a realização do supremo bem da razão de Deus e o trabalho do historiador possível como percepção racional da obra de Deus.

Le vrai Bien, la Raison divine universelle, est aussi la puissance capable de se réaliser. La représentation la plus concrète de ce Bien, de cette Raison, est Dieu. Ce Bien, non pas en tant que pensée générale, mais comme force efficace, est ce que nous appelons Dieu.

La perspective philosophique veut qu'aucune force ne puisse s'élever au-dessus de la Puissance du Bien, de Dieu; qu'aucune force ne puisse lui faire obstacle ou s'affirmer indépendante; que Dieu possède un Droit souverain; que l'histoire ne soit rien d'autre que le Plan de sa Providence. (...) Car la Raison est l'intellection de l'œuvre divine. (HEGEL, 1997, p.100)

Embora não nos pareça que sejam as teorias antigas da história suficientes para o autor russo, a ideia de uma intervenção divina parece ser a mais consistente para ele. Por essa ótica teológica, seria fácil entender-se a necessidade de haver um Napoleão e guerras para punir o seu povo. “Porém a história nova não pode responder dessa forma. A ciência não reconhece o ponto de vista dos antigos sobre a participação direta de uma divindade nos assuntos da humanidade e por isso tem de dar outra resposta” (TOLSTÓI, 2017, p.1400). Daí, como observamos páginas antes, Tolstói falar da guerra como “uma terrível necessidade”. A história para Hegel, como vemos, é passível de uma ausculta pela

razão e não se basta na simplicidade da conformação à potência de Deus, tampouco pode ser chamado de um pensador ateu. No fundo, parece-nos, ele é o maior inimigo da concepção que Tolstói custosamente tece. Ele é o mais sutil adversário e talvez por isso deva ser combatido sutil, mas energeticamente.

No longo epílogo discursivo-reflexivo de *Guerra e Paz*, podemos identificar pelo menos três pontos em que o alvo da crítica pode ser Hegel. O primeiro deles está naquilo que Tolstói denominou “ideia”. “Admitamos que os povos são conduzidos por essa força indefinível a que se chama “ideia” a caricatura que Tolstói faz de uma história conduzida pelas ideias não se enquadra perfeitamente na concepção hegeliana de ideia. Já na abertura de *A razão na História*, Hegel apresenta o objetivo da História Universal filosófica como “conhecer a Ideia na história” (HEGEL, 1997, p.25). No entanto a “ideia” de que trata Tolstói ou é criticada pela via da supervalorização da influência que as ideias de um livro possam ter, ou por ser geral e impreciso demais aquilo que os historiadores chamam ideia.

O segundo ponto está na menção à Ciência do Direito para explicar a ideia de poder que move a história. Ora, é pela filosofia do direito, escrita ainda em sua juventude, que Hegel chegará a uma indagação sobre a história, conforme nos ensina Jean Hyppolite. “Finalmente, numa última parte, Hegel mostra a relação que pode existir entre a teoria do direito natural e aquilo que podemos chamar o direito positivo, entre a sua concepção geral da totalidade ética e a história” (1988, p.63).

O terceiro ponto por fim recai sobre a perspectiva das formas de subjetivação, distintas entre Tolstói e Hegel, o ponto de confrontação direta é exatamente o da importância dos grandes personagens da

história, isso a que chamam de líderes geniais. Repitamos, da narrativa de *Guerra e Paz* a sentença que condena a “forma mentirosa do herói europeu, que supostamente comanda as pessoas e que a história inventou” (TOLSTÓI, 2017, p.1.294), citada há pouco, essa forma se opõe à figura de Kutúzov. Então, cabe perguntar não seria esse um novo tipo de herói? Afinal Kutúzov é, nessa passagem, apresentado como o salvador do povo russo. Pela primeira vez, faremos uso de um recurso externo ao romance, pois traz de modo direto testemunho do pensamento do autor, um comentário que, segundo Górkki, Tolstói teria feito para ele ao comentar algum escrito seu.

– Deixe disso! Pois é muito sério. Aquele que vai ao mosteiro rezar pela família inteira – é maravilhoso! É verdadeiro: você peca, e eu rezarei, pedindo que seus pecados sejam perdoados por você. E o outro, o entediado, o construtor cobiçoso também é real! E o fato de ele beber e ser uma fera, devasso, ama todo mundo e de repente mata. Ah isso que é bom! É isso que tem de escrever, e não precisa procurar heróis entre ladrões e mendigos! Herói – é mentira, é invenção, existe é gente, simplesmente gente, nada mais que gente. (GÓRKKI, 2006, p. 53)

A insistência da narrativa de *Guerra e Paz* em mostrar Kutúzov, como um velho que bebe e é lascivo, que logo após o conflito de 1812 se retira da narrativa e da vida, reforça esse traço de negação da hipervalorização de algum personagem humano.

Hegel, por sua vez, ao desenvolver sua filosofia da história como uma evolução do espírito através do tempo encontra um espaço de hipervalorização de certos personagens históricos. Personagens a que ele denomina “os homens históricos”, “grandes homens”. A Ideia se realiza na História através de dois princípios: um

geral que forma um povo, e outro do indivíduo. A ideia é inicialmente algo de interno e passivo e caberá ao indivíduo pôr em atividade e exterioriza-la (HEGEL, 1997, p.113). E dentre os indivíduos há aqueles que apreendem o Universal do Espírito do Mundo, como que o encarnam, e se tornam forças inexoráveis no devir histórico. Indivíduos históricos acima dos demais como Alexandre, Cesar e Napoleão.

Ce sont maintenant les grands hommes historiques qui saisissent cet universel supérieur et font de lui leur but; ce sont eux qui réalisent ce but qui corresponde au concept supérieur de l'Esprit. C'est pourquoi on doit les nommer des héros. (HEGEL, 1997, p.120-121)

Em texto clássico, François Châtelet observa que a obra de Hegel se reveste de um sentido de história em que toda a trajetória da razão teria chegado, finalmente, à sua realização. A exposição sistemática das ciências que lhe é possível fazer, pensa Hegel, é o acabamento de uma perquirição de vinte e quatro séculos de embates da razão humana, pode finalmente toda especulação racional encontrar resposta em seu sistema. E não seria a culminância apenas da filosofia, e sim de toda produção humana artística, científica, cotidiana dos povos e dos altos feitos de heróis e generais.

Assim, o hegelianismo apresenta-se inicialmente como um recolhimento de todo o passado histórico e cultural da humanidade. (...) Com o sistema hegeliano, a racionalidade não é mais um ideal com que se sonha, um modelo a se aplicar, mesmo que se tenham de colocar entre parênteses escórias incomodas, uma investigação infinita à qual é preciso se conformar: ela é o próprio tecido do real e do pensamento. (CHÂTELET, 1981, p.171).

Pelas palavras de Châtelet, vemos que o próprio Hegel com seu sistema, se põe nesse lugar em que um personagem histórico é muito mais que um “simplesmente gente”. Ele é para a filosofia e a trajetória da civilização racional um cume, um herói. Nada mais natural então do que pensar o povo alemão, a organização do estado alemão como culminâncias também de uma longa espiral de progresso da razão em tornar-se e afirmar-se. Torna-se possível também entender o humor do grito de guerra de jovens universitários britânicos que foram aos campos de batalha na I Guerra Mundial, “Morte a Hegel”!

4 Andrei Bolkonski e o sentimento íntimo

A análise de Tolstói perpassa o plano macro de interesse geral dos grandes personagens e dos grandes movimentos de massa e vai ao plano micro do sentimento, da consciência dos personagens em suas ações pessoais. Faz de sua narrativa uma reflexão entrecruzada desses dois planos, para que possamos pensar um a partir de outro. A reflexão de Nicolai Rostov ao ser considerado herói é emblemática sobre a ignorância que no fundo trazemos sobre o peso e o efeito de nossas ações aos olhos dos outros e no desenrolar dos acontecimentos. Após liderar por impulso uma carga de cavalaria russa (hussáres) contra uma cavalaria francesa (dragões azuis³) que perseguia uma outra brigada de cavalaria russa (lanceiros) e sair-se vencedor.

³ Forma presente em diversas traduções consultadas, em conformidade com o texto original “синих французских драгун”, há referência a “dragões azuis franceses”, mas sabe-se que os dragões franceses tinham uniforme de calças brancas e túnicas verdes; considera-se mais provável que a referência seja aos granadeiros a cavalo, de túnicas azuis escuras. Talvez os russos chamassem esses granadeiros montados de “dragões azuis”. Houve de fato, no período

Capturar ele mesmo um oficial inimigo. Rostov é promovido, indicado para uma medalha e passa a ser cogitado para todas as ações que requeiram um oficial corajoso.

‘Então quer dizer que eles têm ainda mais medo do que nós!’ Pensava. ‘Então é só isso o que chamam de heroísmo? E por acaso eu fiz aquilo pela pátria? (...) Minha mão tremeu. E me deram a Cruz de São Jorge. Não estou entendendo nada, nada!’ (TOLSTÓI, 2017, p.798).

Essa passagem é emblemática também porque se dá pouco após àquela em que o Príncipe Andrei Bolkonski opta por estar na frente de combate e não entre os “racionalistas” gerais, pois na frente de combate ele pode influenciar o que é para ele verdadeiramente decisivo numa batalha: “daquele homem que nas fileiras grita; estamos perdidos! ou grita: hurra! Só nas fileiras é possível servir com certeza de que estamos sendo úteis!” (TOLSTÓI, 2017, p.786). A dúvida sobre seu próprio heroísmo, vivida por Nicolai Rostov, ao mesmo tempo em que confirma a fé de Andrei no sentimento íntimo do soldado na linha de frente, abre a dúvida sobre a própria natureza íntima da ação, inviabilizando, assim como ocorrera com a noção de gênio, a própria existência de um heroísmo. Torna claro, também, que o pensamento de Andrei, ao combater a noção, como vimos, cara a Hegel, Clausewitz e ao senso comum do período, de gênio, ainda deixava na noção de sentimento íntimo do soldado uma centelha do personalismo da subjetivação individualista. Uma simpatia pelo popular

anterior à invasão de 1812, formação de corpos de “vélites” para as tropas de granadeiros montados, regularmente formadas por militares experientes, o que justificaria a tenra idade do oficial capturado por Rostov.

o fazia mover a importância dos altos escalões para a tropa. Mas lá ainda fazia perdurar o *quid* subjetivo decisivo da história.

A simpatia pelo popular movia também Tolstói, a presença de Platão Karataiev na narrativa bem apresenta esse elogio ao simples, mas seu investimento contra o individualismo moderno pararia aí? Pararia no simples mudar de lugar, numa diluição das tintas tão somente? A narrativa parece dançar sobre essa vaga várias vezes. Ao comentar sobre o coeficiente X que seria determinado pelo moral das tropas nos confrontos, elemento capaz de fazer com que pequenos grupos de combatentes desgastassem até a derrota um grande exército. Como na guerra de guerrilhas que o povo russo fez contra o grande exército “vitorioso” francês, a partir de Smolensk ao zurrir o cacete contra o grande esgrimista, a argumentação de Tolstói combate e se aproxima de uma lógica clausewitziana. Uma espécie de individualismo das massas persistiria em última hipótese a determinar os rumos da história? Não seria este uma retomada do espírito do povo que encontramos em Herder? Não seria um equivalente ao que Jean Hypolite identifica em Hegel?

Talvez uma forma de acompanharmos o pensamento de Tolstói na narrativa para responder a essa questão esteja na comparação entre os destinos dos personagens Andrei e Pierre comparados. Andrei Bolkonski é o herói romântico por excelência, obstinado, convicto que busca ser senhor dos seus passos. Não à toa a “bela morte” o atinge duas vezes. A primeira no campo de batalha em Austerlitz, ao empunhar a bandeira e conduzir seu pelotão para o ataque. Quando Napoleão em pessoa o utiliza como exemplo de uma morte honrosa, a bandeira numa das mãos, a espada em outra, se dá conta que o jovem oficial ainda vive. O imperador francês

ordena que seus próprios médicos cuidem do inimigo ferido, André sobrevive e após retornar para a Rússia resolve viver por algum tempo retirado, no campo. A segunda, dessa vez efetiva, após ser ferido em Borodino, morre lentamente entre entes queridos, Natacha e a irmã Maria, o filho e alguns amigos. Ocasão em que vive efetivamente a morte em seu “despertar da vida”.

‘Sim, era a morte. Eu morri – eu acordei. Sim, a morte é um despertar!’, a ideia se acendeu de repente em seu espírito, e a cortina que até então ocultava o desconhecido foi erguida diante de seu olhar espiritual. Naquela leveza que não o abandonou mais a partir de então, ele sentiu como que uma libertação de energias, antes presa dentro dele. (TOLSTÓI, 2017, p.1.174)

Pierre Bezukov, por sua vez, é o personagem que parece voar ao vento do acaso. Filho bastardo que enriquece com a morte do pai Conde que o reconhece. Admirador dos franceses, admirador de Napoleão, a quem depois considera o anticristo, e chega a forçar a barra em arranjos numerológicos para que o imperador dos franceses tenha o número 666 da besta (2017, p.809-811). Pacifista que se torna terrorista, mas que, como em tudo mais, não realiza nenhum de seus intentos, embora tente assassinar Napoleão. Até a possibilidade de viver seu grande amor lhe cai no colo, por força da morte de cônjuges. É esse personagem flutuante, *flaunneur*, desenraizado verdadeiramente, que é premiado ao fim do romance com o melhor destino. Ele é o anti-herói que triunfa pela sua incapacidade em tomar as rédeas de sua própria vida. Ele é o homem para quem não pensar é impossível, até o fim um sonhador. “Quando uma ideia me preocupa, tudo o mais, para mim é um espetáculo divertido” (TOLSTÓI, 1993, p.1508), mas que tem na

simplicidade do camponês Platon Karatáiev, espécie de Alberto Caeiro russo, morto há anos, a figura de sua mais alta estima. Pierre é o que se perde nos pensamentos e tem a vida claramente levada por um destino que não controla. Sem reduzir a beleza da trajetória romântica de Andrei, é sobre Pierre, em sua simplicidade sonhadora, que recai a Graça.

5 A título de conclusão

Hegel atribui em sua filosofia da história um papel especial aos grandes homens, como “aqueles que realizam o fim conforme o conceito superior do espírito”. É a admiração de Hegel por Alexandre, Cesar, Napoleão justificada como encarnações de uma forma superior de realização do espírito na forma do indivíduo de ação. Mas será, sobretudo contra a noção de liberdade na história que Tolstói se oporá a Hegel. Para Hegel a realização suprema da história se dá no encontro do espírito com seu pensamento racional e com sua liberdade. (HEGEL, 1997, p.293). Para Tolstói trata-se de, pelo contrário, “renunciar à liberdade, que não existe, e reconhecer a dependência que não sentimos”.

Um comentário de Anatole Rapoport sobre Clausewitz, situando-o no seu tempo, parece vir em acordo com o que a comparação entre *Guerra e Paz* e *Da guerra* nos mostrou.

Clausewitz era um homem do seu tempo; encontrava-se no limiar de uma era em que o Estado-nação parecia englobar a resposta à busca da imortalidade do homem. Ao contrário das grandes religiões místicas ou cósmicas (cristianismo, budismo), que exigem uma dissolução da própria personalidade em Deus ou no Cosmos, a veneração ao Estado leva à afirmação da

própria personalidade, claro que também dissolvida no Estado, entretanto diferenciada de outras (o inimigo) e com um poder ampliado milhões de vezes. (p.LXXXIII)

Vemos que também não podemos deixar fora desse cenário, junto com Clausewitz, Hegel e sua filosofia idealista da razão na história. Por outro lado, atitude antagonica, movendo-se contra esta lógica individualista e individualizadora, pode-se observar com Maurice Blanchot, passará a ser a proposta por Cézanne e Mallarmé, a partir de 1850 em torno da questão do artista.

Não mais orgulhosa: o *Sturm und Drang* julga exaltar a poesia com os mitos de Prometeu e de Maomé, mas o que então se glorifica é o artista criador, o poder da individualidade; e de todas as vezes que o artista é preferido à obra, esta preferência, esta exaltação do gênio significa uma degradação da arte, o recuo perante sua potência própria, a busca de sonhos compensatórios. Estas ambições desordenadas, embora admiráveis, aquelas que Novalis exprime misteriosamente: ‘Klingsor, poeta eterno, não morre, continua no mundo’, ou ainda Eichendorff: ‘o poeta é o coração do mundo’, em nada se assemelham às que, a partir de 1850, para escolher a data em que o mundo moderno começa a caminhar mais decisivamente para o seu destino, os nomes de Mallarmé e Cézanne anunciam e que toda a arte moderna sustenta com seu movimento.

Nem Mallarmé nem Cézanne nos levam a conceber o artista como um indivíduo mais importante e mais visível que os outros. (BLANCHOT, 1984. p.206)

Por uma estranha via, o escritor russo, talvez já em seu cristianismo muito próprio, com seu “socialismo” muito próprio, com eles se encontrava na vanguarda das propostas artísticas na luta por modos de subjetivação contra-hegemônicos. E talvez aqui possamos nos reencontrar com a reflexão da professora Elena Vássina, e a citação de Igor Vólguin que ela nos traz para dizer um pouco do que o Tolstói idoso se torna.

Tolstói é tão inclemente consigo mesmo, assim como com tudo que não coincide com seus ideais. “Raramente eu encontrava alguém – escreve Tolstói – mais dotado que eu... (aqui ele poderia colocar o ponto final, mas, nesse caso ele não seria Tolstói) ... mais dotado de todos os vícios: voluptuosidade, cobiça, raiva, vaidade e, o principal, egolatria. Dou graças a Deus por eu saber disso, por ter visto e continuar vendo dentro de mim toda essa nojeira e lutar contra ela. É isso que explica o sucesso de minhas obras”. (Apud VÁSSINA, 2017, p.162)

Referências

- BERLIN, Isaiah. O porco espinho e a raposa. [1953] In: TOLSTÓI, Liev. *Guerra e paz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p.1.466-1.526
- BIANCHI, Fátima. Dostoiévski: a veia da ficção. In: DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Contos reunidos*. Apresentação de Fátima Bianchi. Tradução de Priscila Marques et al. São Paulo: Editora 34, 2017. p.7-27.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio d'água, 1984.
- БОКОВА, Вера. история и художник. In: ТОЛСТОЙ, Лев. *Война и мир*. Том I-II. Москва: ИЭЛПательство “э”, 2017. p. 7-18.
- BORJA, Enrique F. *Entropia: a rainha da desordem*. Tradução José Roberto. S.L: Bonal-letra Alcompas, 2016.
- CHÂTELET, François. G.W.F.Hegel. In: _____ (dir.). *A filosofia e a história*. De 1780 a 1880. Tradução Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DUMONT, Louis. *O individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- GÓRKI, Máximo. Liev Tolstói. In: _____. *Três Russos e como me tornei um escritor*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HEGEL. *La raison dans l'Histoire*. Traduction Kostas Papaioannou. Paris: Plon, 1997.
- HYPOLITE, Jean. *Introdução à filosofia da História de Hegel*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo Edusp, 1996.
- SCHORSKE, Karl E. *Pensando com a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- TOLSTÓI, Leão. *Obra Completa*. Tradução João Gaspar Simões. Vol.1. Rio e Janeiro: Nova Aguilar, 1993.
- _____. *Guerra e paz*. 2 vol. Tradução revista, apresentação e notas Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ТОЛСТОЙ, Лев. *Война и мир*. Том I-II; Том III-IV. Москва: ИЭЛПательство “э”,

2017. (Библиотека Всемирной Литературы).

VÁSSINA, Elena. Lev Tolstói pelo prisma da literatura contemporânea: análise da poética dos gêneros documentais. *Fronteiras*, São Paulo, n.18, jul. 2017, p.148-166.

Abstract: *This article seeks to reflect on the novel War and Peace, from the discussions there proposed on History and beliefs, which for Tolstoy, this discipline feeds. In the core of these beliefs is the "false form of the European hero", which epigrammatically places the cult of individualism in the capitalist modes of subjectivation by individualization. In the wake of a series of historians who are nominally quoted and criticized, Tolstoy, especially in the two reflective epilogues, systematically, but unnamed, tackles Hegel's thinking of philosophy of history. In the narrative, all forms of rational understanding of great human movements over time emerge as a kind of "mania" to search for causes, to rationally understand and explain situations that are far beyond human capacity. But when this "mania" escalates to a condition of epistemological basis, it gives foundation to the mode of subjectivation by individualization. It is this system that Tolstoy, it seems to us, perceives and condemns.*

Keywords: *Tolstoy; War and Peace; Literature and subjectivation; Literature and History; Subjectivation and historical conception.*

Резюме: *Эта статья призывает задуматься о "Войне и мире", с точки зрения предложенных в романе дискуссий об истории, и убеждениях, которые согласно Толстому эта дисциплина питает. Центральное место среди этих убеждений занимают "ложная форма европейского героя", эпиграмматически представленный культ индивидуализма, капиталистические способы субъективизации через индивидуализацию. Вслед за рядом историков, поименно названных и раскритикованных,*

Толстой, особенно в двух рефлексивных эпилогах, возражает систематически, не явно, мысль о философии истории Гегеля. В повествовании все формы рационального понимания великого человека со временем появляются как своего рода причины, понять и объяснить рациональные ситуации, которые находятся далеко за пределами человеческого потенциала. Но эта «мания» возведенная на эпистемологический уровень основы является способом субъективизации по индивидуализации. Именно этот механизм, как нам кажется, воспринимает и осуждает.

Ключевые слова: *Толстой; Война и мир; Литература и субъективность; Литература и концепции истории; Субъективизация и концепции¹.*